

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

88

INSCRIÇÕES 400-002



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2009

ÁRULA VOTIVA DE ALTER DO CHÃO

No âmbito do “Projecto de Recuperação e Valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão”¹ procedeu-se, em 2004, à remoção mecânica de uma espessa camada de entulho, junto à Piscina Municipal, onde terá funcionado o aterro da vila durante vários anos. Este aterro localizava-se poucos metros a nascente das termas públicas do aglomerado urbano de *Abelterium*, situadas em Ferragial d’El-Rei, junto ao Campo de Futebol Municipal.

Entre o material de construção recente retirado do local, foi recolhida uma árula votiva, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, com muita patine amarelada, totalmente descontextualizada face aos fracos níveis arqueológicos identificados no sítio. Terá sido, por certo, encontrada durante as obras efectuadas numa qualquer casa de Alter do Chão e atirada, juntamente com os detritos, para o Aterro Municipal. Encontra-se agora acondicionada nas reservas do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alter do Chão.

Desconhece-se se o capitel terá sido partido aquando das referidas obras, pois já foi encontrada com o topo do fuste truncado obliquamente, de trás para a frente e da direita para a esquerda. Tem vestígios de concreções calcárias, em quase todas as faces, resultado da exposição a zonas de humidade, possivelmente aquando da sua deposição no Aterro Municipal. Além disso, apresenta também fissuras e fracturas em todas as faces do fuste, à excepção da frontal, na qual se insere o texto, bastante desgastado também, por completo irreconhecível na primeira linha e parcialmente cortado na segunda. Os quatro cantos da base estão fracturados e toda a peça apresenta alguns toques, nomeada-

¹ Este projecto é financiado pelo POC, tem como promotor o IGESPAR, é desenvolvido em parceria com a Câmara Municipal de Alter do Chão e conta com a colaboração da DRCALEN.

mente no meio da face epigrafada, uns antigos e outros mais recentes, provocados pelos dentes da pá da máquina.

Nas faces esquerda e direita, uma cercadura rectangular lisa com 1 a 2 cm de largura sem afeiçoamento do interior. Entre a base e o fuste, há moldura de gola reversa, seguida de toro e formando ranhura na junção com a base que ora se apresenta tosca, embora sempre assim o possa ter sido, na medida em que essa era a parte que, mui provavelmente, assentava num plinto. Tem cerca de 4 cm de altura, sendo mais saliente nas faces posterior e esquerda.²

Dimensões: 32,7 x 18,2 x 11,3.

Campo epigráfico: 15,3 x 18,2.

[...] / [...] IVM [?][...] / [?] AMILIA · VRBA/NA EX VOTO
/ ⁵ POSVIT

[...] Amília Urbana por voto colocou.

Altura das letras: 1. 2 a 4: 2,5; 1. 5: 2,4. Espaços: 2 a 5: 0,5; 6: 1.

A paginação, quanto se pode ver, é cuidada, seguindo um eixo de simetria, bem visível na colocação de *posuit* na última linha. As letras conservam bastante regularidade, indiciando um *ductus* na vertical, a postular uma gravação no solo e com auxílio de linhas auxiliares perceptíveis no alinhamento da parte superior e também da parte inferior das letras (veja-se, no OS da última linha, em que parece ter quase havido um decalque na horizontal, quando seria de esperar uma certa curvatura em ambas as letras) assim como nos vértices ‘sublinhados’ do I e no breve traço horizontal do P no vértice inferior.

Caracteres actuários, esguios, desenhados à mão levantada, como se pode deduzir, por exemplo, do traçado do M (l. 3), onde as hastes se não tocam para formar o ângulo do vértice; no O bem ovalado; no P que não fecha; no S, mau grado a relativa simetria; no V de hastes não rectas; no B assimétrico. O A parece não ter barra e as barras dos

² Esta ara é em tudo semelhante à que A. M. Dias Diogo publicou: «Estela funerária de São Pedro (Alter do Chão)», *Ficheiro Epigráfico* 52 1996 n° 238. Não se trata de uma estela mas sim de uma ara, como no caso presente, e também desapareceu, com a reutilização, a metade superior. Saiu certamente da mesma oficina, pois que termina com a palavra POSVIT na mesma posição axial, com a mesma forma de grafar as letras, só que, na ara de São Pedro, houve uma ligeira distração e o lapicida repetiu o V.

T são breves. Pela paleografia, portanto, um texto atribuível ao século II da nossa era.

Se POSVIT, na última linha, se lê sem dificuldade e se, apesar do mau estado da face epigrafada nesse local, é mui verosímil reconstituir EX VOTO,³ não nos restam dúvidas de que estamos perante uma ara votiva.⁴ Consequentemente, nas linhas anteriores, estarão o teónimo eventualmente seguido de *sacrum* (numa linha só ou em duas); a identificação da dedicante e, quiçá também, o motivo do ex-voto.

Não obstante o mau estado da superfície epigrafada e o facto de *Amilia* não se ter documentado, até ao momento, que nós saibamos, na epigrafia peninsular, a leitura *Amilia Urbana* cremo-la assaz viável, mau grado não sabermos que fazer da letra anterior: um P? Mas não encontrámos nenhum paralelo para um possível gentílico *Pamilia*, por exemplo. Claro que preferiríamos – por mais usual – o *nomen Aemilia*, mas não enxergamos vestígio do necessário nexu AE. *Amilia* é referido nos índices de Schulze⁵ e é passível de se aproximar do *cognomen* grego *Hamilla*, *-us*, bastante atestado na epigrafia urbana de Roma.⁶ *Urbana*⁷ constitui, por seu turno, um *cognomen* latino documentado com mais de três dezenas de testemunhos na Península Ibérica, por exemplo⁸. Uma dedicante que se identifica, portanto, bem à latina, omitindo a filiação, o que não é, porém, estranho em texto votivo.

Seríamos tentados a ver no VM – que supomos legível na linha que consideramos l. 2 – o final de SACRVM de que atrás se falava; mas não só desconhecemos se, antes desta, haveria apenas uma ou se duas linhas, como também não lográmos decifrar o que terá sido escrito a seguir.

³ Não se notam as barras horizontais do E, que mais parece, por isso, um I; no lugar onde se grafou o X a pedra foi esmurrada; contudo, tendo em conta as medidas das outras letras, afigura-se-nos que se pode apresentar essa reconstituição como garantida.

⁴ A expressão *ex voto posuit* é corrente na epigrafia votiva, inclusive na peninsular. Ainda que com a natural desactualização, podem ver-se os exemplos citados por Hübner: *Corpus Inscriptionum Latinarum* (=CIL II), Berlim, 1892, p. 1194.

⁵ SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*. Berlim, 1966, p. 599.

⁶ SOLIN (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlim-Nova Iorque, 1982, p. 1180.

⁷ No sítio do N a pedra lascou, deixando apenas bem nítidas as duas barras verticais da letra.

⁸ Cf. ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Madrid-Murcia, 1994, p. 550.

Em suma: o facto de o teónimo dever estar referido na parte do altar que desapareceu; e a dificuldade – que assumimos – de sugerir uma reconstituição para o texto que precede o nome da dedicante cerceiam-nos a possibilidade de, por enquanto, irmos mais além do que confirmar a importância da epigrafia votiva de *Abelterium*, pois, como se sabe, outros documentos do mesmo teor aqui se encontraram, todos eles, curiosamente, sem que se saiba a que divindade foram consagrados, ou porque nunca foi gravado (o que também no presente monumento em estudo pode ter acontecido, assinale-se) ou porque desapareceu com os maus tratos sofridos: o altar achado no Reguengo e o da Passareira (Seda), este dedicado por um indígena a uma divindade cujo nome se desconhece.⁹



401

JORGE ANTÓNIO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁹ Vide ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, inscrições n.ºs 614 e 635. Atendendo às muitas dúvidas de leitura, preferi colocar este último documento quase no final do capítulo *Ammaia*, no seio dos fragmentos; contudo, a circunstância de os três monumentos nos terem chegado sem nome de divindade conhecido pode, mormente se outros achados se derem, levar à inclusão também desse altar no número dos ex-votos.